

PELO PAÍS DAS MARAVILHAS & PELO BOSQUE DO ESPELHO: DIÁLOGOS ENTRE ALICE E PAULO FREIRE

BECHTLUFFT, GISELE SCHMIDT
GARCIA, PEDRO BENJAMIM

RESUMO

Este artigo busca estabelecer um diálogo entre alguns personagens das obras Alice no País das Maravilhas e Alice através do Espelho, de Lewis Carroll, e a pedagogia de Paulo Freire. Criaturas como a Lagarta, o Gato de Cheshire, entre outras, surgem no caminho de Alice para fazê-la refletir acerca de sua personalidade, de sua existência no mundo. Há também aquelas que vivem dando ordens à menina, que subestimam sua inteligência ou que se assemelham a professores ministrando aulas, como o homem-ovo Humpty Dumpty. A Tartaruga Falsa e o Grifo desestimulam Alice a fazer perguntas; o Camundongo dá uma aula enfadonha de História; as Rainhas Branca e Vermelha tomam lições da menina sem permitir que ela corrija, justifique ou mesmo dê uma resposta. Todos os “ganchos” foram construídos a partir de mundos oníricos – o País das Maravilhas e o Bosque do Espelho – para o mundo factual da atualidade, com Lewis Carroll e suas fantasias voltadas para a educação vitoriana do seu tempo, e Paulo Freire, com sua educação humanista-libertadora.

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia da educação. Lewis Carroll. Paulo Freire. *Alice no País das Maravilhas*. *Alice através do Espelho*.

ABSTRACT

This article seeks to establish a dialogue between some characters from the works Alice's Adventures in Wonderland and Alice through the Looking-glass, by Lewis Carroll, and the pedagogy of Paulo Freire. Creatures such as the Caterpillar, the Cheshire-Cat, among others, cross Alice's way to make her think over her personality, her existence in the world. There are also those who are always giving orders to the girl, the ones who underestimate her intelligence and those who are similar to teachers while giving classes, as the egg-like man Humpty Dumpty. The Mock

Turtle and the Gryphon discourage Alice from asking questions; the Mouse gives a boring History lesson; the Red Queen and the White Queen scrutinize the girl preventing her from correcting herself, justifying or giving an answer. All the connections have been made from a dream worlds – the Wonderland and the Looking-glass World – to the factual world of the present day, with Lewis Carroll and his fantasies turned to the Victorian education of his time, and Paulo Freire, with his humanist-liberating education.

KEYWORDS

Philosophy of Education. Lewis Carroll. Paulo Freire. Alice's Adventures in Wonderland. Through the Looking-glass.

INTRODUÇÃO

Há anos não tínhamos contato com as loucuras do País das Maravilhas, que tanto instigaram nossa imaginação na infância. A Lagarta, o Gato de Cheshire e tantas outras curiosas criaturas pareciam estar nos chamando para um reencontro – como aconteceu com Alice na penúltima versão para o cinema, dirigida por Tim Burton, exibida em 2010.

As criaturas que Alice encontra pelo caminho reproduzem a visão que algumas crianças tinham dos adultos no período vitoriano: quase todas lhe dão ordens, discordam do que ela diz o tempo todo, corrigem sua linguagem, dão respostas estapafúrdias para suas indagações e propõem charadas que não têm solução.

A proposta deste artigo foi “usar” ou mesmo “interpretar” Alice na busca de um diálogo com a educação escolar, tendo como referencial teórico-metodológico os pressupostos da educação humanista-libertadora de Paulo Freire, em contraste a algumas ideias da pedagogia tradicional.

PARA QUE SERVE A FILOSOFIA?

A filosofia, enquanto entendimento da realidade, é necessária à nossa existência, já que não podemos agir sem saber “para onde” e “por que vamos”. E Alice, quando perguntou ao Gato de Cheshire que caminho deveria tomar, ouviu a seguinte resposta: “Depende bastante de para onde quer ir” (CARROLL, 2002, p. 63). Precisamos buscar um sentido para a nossa vida e para as nossas ações. Filosofar não é apenas interpretar o passado ou o presente, mas também interpretar as aspirações e anseios da sociedade, estabelecendo fundamentos e direcionamentos – no caso do presente artigo, fundamentos e direcionamentos para a educação no âmbito escolar.

As obras de *Alice* sugerem muitas leituras, pela sua riqueza do discurso altamente polissêmico – repleto de trocadilhos, jogos de palavras, neologismos, paródias –, do cenário, da estrutura, dos personagens. É o lúdico na forma de ironia. É o sisudo dando lugar ao riso.

Esperamos que este artigo venha a contribuir com todos que acreditam no potencial que obras literárias como *Alice* possuem para nos fazer refletir sobre a arte de educar.

ACERCA DA IDENTIDADE: QUEM SOU EU?

Depois de seguir o Coelho Branco, mergulhar em sua toca e ir parar em uma sala escura, com uma porta minúscula que dava para um lindo jardim, Alice vivenciou uma situação bastante inusitada. Havia tomado um líquido que a fez diminuir de tamanho. Em seguida, comeu um bolo muito pequeno que a fez ficar enorme.

Ai, ai! Como tudo está esquisito hoje! E ontem as coisas aconteciam exatamente como de costume. Será que fui trocada durante a noite? Deixe-me pensar: eu

era a mesma quando me levantei esta manhã? Tenho uma ligeira lembrança de que me senti um bocadinho diferente. Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: 'Afinal de contas quem sou eu?' Ah, este é o grande enigma! (CARROLL, 2002, p. 21).

Para Paulo Freire, este também é o grande enigma:

O homem pergunta-se: quem sou? De onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. (1979, p. 28).

Nós, seres humanos, temos consciência de que somos inacabados e por esse motivo nos educamos. Ao percebermos que não sabemos tudo, buscamos o saber, o conhecimento e o aprimoramento como ser humano. Segundo Freire, aí está a raiz da educação.

O diálogo que Alice trava com a Lagarta evidencia a busca pelo autoconhecimento:

A Lagarta e Alice ficaram olhando uma para a outra algum tempo em silêncio. Finalmente a Lagarta tirou o narguilé da boca e se dirigiu a ela numa voz lânguida, sonolenta:

"Quem é você?" perguntou a Lagarta.

Não era um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada: "Eu... mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então".

"Que quer dizer com isso?" esbravejou a Lagarta. "Explique-se!"

"Receio não poder me explicar", respondeu Alice, "porque não sou eu mesma, entende?" (CARROLL, 2002, p. 45).

Para Freire, a educação tem sentido porque nós, seres humanos, somos tão projetos quanto podemos ter projetos para o mundo, porque aprendemos que é aprendendo que nós nos fazemos e nos refazemos, porque, para sermos homens e mulheres, precisamos de estar sendo. "Se homens e mulheres simplesmente fossem não haveria por que falar em educação" (2000, p. 40).

Em um encontro com Humpty Dumpty, Alice levanta questões sobre memória e identidade. O diálogo a seguir é bastante interessante do ponto de vista filosófico:

"Eu não a reconheceria se nós nos encontrássemos", Humpty Dumpty respondeu num tom desgostoso, dando-lhe um de seus dedos para apertar: "você é tão exatamente igual às outras pessoas".

"Em geral é o rosto que conta", Alice observou, pensativa.

"É justamente do que me queixo", disse Humpty Dumpty. "Seu rosto é igual ao de todo mundo... os dois olhos, tão..." (marcando o lugar deles no ar com

o polegar) “nariz no meio, boca embaixo. É sempre a mesma coisa. Agora, se você tivesse os dois olhos do mesmo lado do nariz, por exemplo... ou a boca no alto... isso seria de alguma ajuda”.

“Não ficaria bonito”, Alice objetou. Mas Humpty Dumpty só fechou os olhos e disse: “Espere até experimentar”. (CARROLL, 2002, p. 211).

Ao possibilitar o autoconhecimento, a descoberta de si mesmo, a aprendizagem, nessa perspectiva, apresenta-se como significativa, pois seu direcionamento volta-se para a realização daquele que aprende. O aluno deixa de ser “igual a todo mundo”, como disse Humpty Dumpty à Alice, e passa a entender como se sente, age e pensa, descobrindo, assim, a sua identidade como pessoa.

O PODER DA PALAVRA

A cena na qual Humpty Dumpty tenta convencer Alice de que é mais vantajoso presente de desaniversário do que de aniversário, tendo em vista a proporção de 364 dias para 1, é bastante interessante do ponto de vista pedagógico. Durante esse debate, o homem-ovo, tentando mostrar a vantagem do desaniversário para Alice, exclamou “É a glória para você!”, ao que Alice replicou:

“Não sei o que quer dizer com ‘glória’”, [...].

Humpty Dumpty sorriu, desdenhoso. “Claro que não sabe... até que eu lhe diga. Quero dizer ‘é um belo e demolidor argumento para você!’”

“Mas ‘glória’ não significa ‘um belo e demolidor argumento’”, Alice objetou. “Quando eu uso uma palavra”, disse Humpty Dumpty num tom bastante desdenhoso, “ela significa exatamente o que quero que signifique: nem mais nem menos”.

“A questão é”, disse Alice, “se pode fazer as palavras significarem tantas coisas diferentes”.

“A questão”, disse Humpty Dumpty, “é saber quem vai mandar – só isto”. (CARROLL, 2002, p. 204).

O professor, na visão tradicional, é aquele que enuncia o conhecido e o consagrado. Tem como missão ser a fala do saber e da norma que deve ser cumprida. E é dessa forma que o próprio Humpty Dumpty se define:

“Parece muito habilidoso para explicar palavras, Sir”, disse Alice. “Faria a gentileza de me dizer o significado do poema chamado ‘Pargarávio?’”

“Vamos ouvi-lo”, disse Humpty Dumpty. “Posso explicar todos os poemas que já foram inventados – e muitos que ainda não o foram.” (CARROLL, 2002, p. 205).

O jogo do poder é exercitado em todos os campos sociais. E, no educacional, não é diferente. Freire, porém, defende que

como professor não devo poupar oportunidade para testemunhar aos alunos a segurança com que me comporto ao discutir um tema, ao analisar um fato, [...]. Minha segurança não repousa na falsa suposição de que sei tudo, de que sou o “maior”. Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. (1996, p. 135).

Por isso, em sua educação problematizadora, “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos” (FREIRE, 1983, p. 78).

Freire (1983) redefine, assim, o papel do professor e do aluno: o primeiro é *educador-educando*, uma vez que tem a função de ensinar, mas também aprende na ação pedagógica; o segundo é *educando-educador*, pois tem o papel de aprender, mas também ensina no processo educativo. “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro” (FREIRE, 1996, p. 23).

Freire, juntamente com Faundez (1985), analisa a prática educativa com base em duas perspectivas: a *pedagogia da resposta* e a *pedagogia da pergunta*. Na primeira, o ensino é o saber feito, apresentado pelo professor; na segunda, o ensino é a busca do conhecimento, partindo do questionamento, da pergunta, sempre com a participação do aluno.

Para essa reflexão, vejamos este diálogo entre Alice, a Tartaruga Falsa e o Grifo:

“Quando éramos pequenos”, a Tartaruga Falsa finalmente recomeçou, mais calma, embora ainda soluçando um pouquinho vez por outra, “Íamos à escola no mar. O mestre era um Cágado velho... nós o chamávamos de Tartarruga.” “Por que o chamavam de Tartarruga, se ele não era uma?” Alice perguntou. “Nós o chamávamos de Tartarruga porque tinha... tanta ruga!” respondeu a Tartaruga, irritada; “realmente você é muito bronca!” “Devia ter vergonha de fazer uma pergunta tão simples”, acrescentou o Grifo; e em seguida os dois ficaram em silêncio, olhando para a pobre Alice, que teve vontade de se enfiar embaixo da terra. (CARROLL, 2002, pp. 93-4).

Muitas vezes o aluno é desencorajado a fazer perguntas. Silencia-se diante da prática de uma pedagogia da resposta, uma pedagogia da adaptação, fundada no preestabelecido.

No entanto, Alice, contrariando esse modelo de comportamento imposto por alguns educadores, interrompe as falas das criaturas que encontra em seu caminho em vários momentos, enfatizando, assim, o espírito espontâneo, curioso, ousado e criativo das crianças. Para Freire, o caminho é esse, pois “quem estuda não deve perder nenhuma oportunidade, em suas relações com os outros, com a realidade, para assumir uma postura curiosa. A de quem pergunta, a de quem indaga, a de quem busca” (1982, p. 11).

E o bate-papo entre os três personagens continua:

“Nunca ouvi falar de ‘Desembelezação’”, Alice se atreveu a dizer. “O que é?” O Grifo levantou as duas patas de surpresa. “Como? Nunca ouviu falar de desembellezação?” exclamou. “Sabe o que é embeleazar, suponho?” “Sei”, disse Alice sem muita convicção; “significa... tornar... alguma coisa... mais bela”.
“Nesse caso”, continuou o Grifo, “se não sabe o que é desembelleazar, você é uma bobalhona”.
Não se sentindo estimulada a fazer mais nenhuma pergunta sobre aquilo, Alice se virou para a Tartaruga Falsa e disse: “Que mais tinha de estudar?” (CARROLL, 2002, pp. 94-5).

Na pedagogia da pergunta de Freire, o ensino é visto como problematização da realidade social, no qual é importante o ato de perguntar, de provocar a dúvida no lugar da transmissão das certezas. Afinal, perguntamos porque temos curiosidade em conhecer.

JÁ DECIFROU O ENIGMA?

Há uma cena em que o Camundongo dá uma explicação de História à Alice e aos animais que nadaram no lago formado pelas lágrimas da menina:

“Ham!” fez o Camundongo com ar importante. “Estão todos prontos? Esta é a coisa mais seca que eu conheço. Silêncio do princípio ao fim, por favor! ‘Guilherme, o Conquistador, cuja causa era apoiada pelo papa, logo se rendeu aos ingleses, que queriam líderes, e andavam ultimamente muito acostumados com usurpação e conquista. Edwin e Morcar, condes da Mércia e da Nortúmbria...’”
“Arre!” soltou o Papagaio, com um arrepio.
“Perdão!” falou o Camundongo, fechando a cara, mas muito polido: “Disse alguma coisa?”
“Eu não!” o Papagaio se apressou em responder.
“Pensei que tinha”, disse o Camundongo. “Continuando: ‘Edwin e Morcar, condes da Mércia e da Nortúmbria, proclamaram seu apoio a ele e até Stigand, o patriótico arcebispo de Canterbury, achando isso oportuno...’”
“Achando o quê?” indagou o Pato.
“Achando isso”, respondeu o Camundongo, bastante irritado. “Suponho que saiba o que ‘isso’ significa.”
“[...] A questão é: o que foi que o arcebispo achou?”
Sem tomar conhecimento da pergunta, o Camundongo se apressou em continuar [...]. (CARROLL, 2002, pp. 27-8).

O Camundongo pretendia, com esse discurso, algo inusitado: fazer com que as criaturas e Alice se secassem – todos estavam encharcados, após terem nadado por um longo tempo na piscina formada pelas lágrimas da menina, quando seu tamanho estava bem acima do normal. E, para tanto, resolveu contar um episódio, que ele próprio denominou de “seco”, da história da Inglaterra.

Como de fato, aulas de História, às vezes, são extremamente “secas”. Isso porque, durante muito tempo (e provavelmente na época de Carroll era assim), não houve esforço por parte dos professores dessa disciplina em contextualizar os eventos históricos, explicar sua importância, suas consequências e sua relação com outros acontecimentos. O incentivo era dado à memorização de datas e nomes “secos”, sem grande relevância à aprendizagem.

Ao final do discurso, o Camundongo perguntou à Alice se ela estava se sentindo melhor. A resposta da menina foi categórica: “Mais molhada do que nunca [...]”. Isso não parece me secar nadinha” (CARROLL, 2002, p. 28).

Segundo Freire,

Quanto mais analisamos as relações educador-educandos, na escola, em qualquer de seus níveis (ou fora dela), parece que mais nos podemos convencer de que estas relações apresentam um caráter especial e marcante – o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras. Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica um sujeito – o narrador – e objetos pacientes, ouvintes – os educandos. [...] o educador aparece como seu indiscutível agente [...], cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram [...]. A palavra [...] se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. (1983, p. 57).

Partindo da análise epistemológica da relação professor-aluno, Freire (1983) apresenta duas concepções de educação: a *bancária* (tradicional) e a *problematizadora* ou *libertadora*, já citada anteriormente aqui. Na educação bancária, o professor deposita/transfere valores e conhecimentos aos seus alunos. Por esse motivo, a ação daqueles que recebem conhecimento é minimizada e o processo dialógico na educação é negado, o que contribui para a domesticação dos aprendizes e para a reprodução das contradições existentes na sociedade.

Ensinar, para Freire (1996), não é transferir conhecimento. Ensinar é criar possibilidades para a produção do conhecimento ou para a sua construção. A aula, conforme sua visão, deve ser um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Os alunos devem *cansar*, jamais *dormir*. Cansados devem ficar pelo acompanhamento das idas e vindas do pensamento do professor, pelas surpresas, pelas dúvidas e incertezas.

Assim como Alice ousa fazer perguntas às criaturas que encontra pelo caminho, ela também não se omite na hora de responder às questões propostas por elas.

los corretamente, com a convicção de quem cumpre um dever e não com a malícia de quem faz um favor para receber muito mais em troca. Mas, como escutar implica falar também, ao dever de escutá-los corresponde o direito que igualmente temos de falar a eles. Escutá-los no sentido acima referido é, no fundo, falar com eles, enquanto simplesmente falar a eles seria uma forma de não ouvi-los. (1988, p. 26).

Alice, depois, questiona a própria Rainha Branca acerca da matéria cobrada:

“Ela não sabe nadinha de aritmética!” as Rainhas disseram juntas, com grande ênfase.

“E você sabe?” Alice falou, virando-se de repente para a Rainha Branca, pois não gostava de ser tão criticada.

A Rainha respirou fundo e fechou os olhos. “Eu sei Adição”, disse, “se você me der algum tempo... mas não sei subtrair sob nenhuma circunstância”. (CARROLL, 2002, p. 245).

O interessante, no diálogo acima, é que a Rainha Branca cobrava de Alice uma habilidade, a subtração, que ela mesma não possuía. A esse respeito, Freire é de opinião que “como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que não sei” (1996, p. 95).

SABE RESPONDER PERGUNTAS ÚTEIS?

No Bosque do Espelho, as Rainhas cobram um “saber útil” de Alice:

[...] “Sabe responder perguntas úteis?” disse. “De que é feito o pão?”

“Isso eu sei!” Alice exclamou, animada. “Pega-se um pouco de farinha...”

“Onde se colhe a farinha?” perguntou a Rainha Branca. “Num jardim, ou nas cercas-vivas?”

“Bem, ela não é colhida”, Alice explicou; “é moída...”

“De pancada?” disse a Rainha Branca. “Não devia omitir tantas coisas.”

“Abane-lhe a cabeça!” interrompeu aflita a Rainha Vermelha. “Vai ficar com febre depois de tanta reflexão!” Não perderam tempo e a abanaram com tufos de folhas até ela ter de implorar que parassem, tanto o seu cabelo esvoaçava. (CARROLL, 2002, p. 245).

É fundamental, segundo Freire (1982), buscar as relações entre os conteúdos e outras dimensões afins do conhecimento. Reinventar, recriar, reescrever – tarefa de quem é sujeito e não objeto. Essa atitude crítica deve ser adotada diante de tudo: do mundo, da realidade, da existência.

Alice reclama da “decoreba” à qual é submetida no decorrer de suas andanças pelo País das Maravilhas: “Como as criaturas dão ordens à gente e nos fazem

decorar lições!' pensou Alice. 'É como se eu estivesse na escola neste momento'" (CARROLL, 2002, p. 102). E mostra, lá no início da história, ao cair na toca do Coelho Branco, que o ato de simplesmente decorar lições ou "palavras imponentes para se dizer" não representa aprendizado:

"Quantos quilômetros será que já caí até agora?" disse em voz alta. "Devo estar chegando perto do centro da Terra. Deixe-me ver: isso seria a uns seis mil e quinhentos quilômetros de profundidade, acho..." (pois, como você vê, Alice aprendera várias coisas desse tipo na escola e, embora essa não fosse uma oportunidade muito boa de exibir seu conhecimento, já que não havia ninguém para escutá-la, era sempre bom repassar) "...sim, distância certa é mais ou menos essa... mas, além disso, para que Latitude ou Longitude será que estou indo?" (Alice não tinha a menor ideia do que fosse Latitude, nem do que fosse Longitude, mas lhe pareciam palavras imponentes para se dizer.). (CARROLL, 2002, p. 13).

Ler, decifrar, interpretar. Enfrentar o mundo relacionando-se com um tipo específico de saber: a leitura. Saber que funciona como um modelo geral de construção de sentido. Aí está um dos principais propósitos da educação escolar.

Para Freire, a leitura "não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita" (1988, p. 11). Há dois tipos de leitura que, segundo ele, devem ser considerados: a leitura do mundo e a leitura da palavra. Ler o mundo precede o ato de ler a palavra, por isso a leitura desta não pode prescindir da leitura da realidade que nos cerca.

Ainda na infância, mesmo antes da alfabetização, começamos a ler os "textos", as "palavras", as "letras" do mundo particular no qual nos movíamos. E a leitura de nossas experiências enquanto crianças, quando começamos a perceber as coisas, os sinais, a linguagem, é recriada e revivida em nosso contato com a palavra escrita.

No começo de sua caminhada pelo País das Maravilhas, Alice faz referência a um conhecimento que adquiriu por meio de suas leituras:

Era muito fácil dizer "Beba-me", mas a ajuizada pequena Alice não iria fazer isso assim às pressas. "Não, primeiro vou olhar", disse, "e ver se está escrito 'veneno' ou não"; pois lera muitas historinhas divertidas sobre crianças que tinham ficado queimadas e sido comidas por animais selvagens e outras coisas desagradáveis, tudo porque não se lembravam das regrinhas simples que seus amigos lhes haviam ensinado: que um atizador em brasa acaba queimando sua mão se você insistir em segurá-lo por muito tempo; quando você corta o dedo muito fundo com uma faca, geralmente sai sangue; e ela nunca esquecerá que, se você bebe muito de uma garrafa em que está escrito "veneno", é quase certo que vai se sentir mal, mais cedo ou mais tarde. (CARROLL, 2002, p. 16).

E no final de sua aventura ainda no País das Maravilhas, mostra novamente a importância do que leu para dar forma à sua experiência:

Alice nunca estivera num tribunal antes, mas lera sobre eles em livros, ficando muito satisfeita ao descobrir que sabia o nome de quase tudo ali. “Aquele é o juiz”, disse consigo, “por causa da sua enorme peruca”. [...] “E ali está a banca dos jurados”, pensou Alice, “e aquelas doze criaturas...” [...] “suponho que sejam os jurados”. Repetiu esta última palavra duas ou três vezes para si mesma, com muito orgulho: pois achava, com razão, que muito poucas meninhas da sua idade sabiam o significado daquilo tudo. (CARROLL, 2002, p. 107).

“Quando lia contos de fadas, eu imaginava que aquelas coisas nunca aconteciam, e agora cá estou no meio de uma!” (CARROLL, 2002, p. 37), exclamou Alice. Muitas vezes a vida se completa com um sentido retirado de uma obra de ficção.

Há crianças que, no início de suas vidas escolares, são como Alice: curiosas, ousadas, autoconfiantes. Mas quando os métodos utilizados na escola não estimulam o desenvolvimento dessas características, dão ênfase a repetições mecânicas, a leituras superficiais, não valorizam a experiência e a visão de mundo que trazem, a Alice que existe em cada uma pode não resistir e tornar-se pequenina, quase imperceptível.

A pedagogia da pergunta e a educação problematizadora de Freire é defendida aqui como uma forma de estimular a curiosidade, a ousadia, a autoconfiança. Afinal, ao estimular esses atributos, fica mais fácil conhecer as contribuições que cada criança tem a oferecer, provenientes de suas leituras – da leitura das palavras e da leitura que fazem deste nosso mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muitas obras literárias escritas na mesma época de *Alice* que abordam o tema da educação escolar, como é o caso de *O Ateneu*, de Raul Pompéia, *David Copperfield*, de Charles Dickens etc. Nessas narrativas, a escola é o espaço principal onde o enredo se desenvolve e os personagens, em sua maioria, são frequentadores desse espaço: diretores, inspetores, professores, alunos.

Mas a obra literária escolhida aqui para reflexões acerca da educação escolar não apresenta essas características. Embora *Alice* ofereça um amplo repertório de situações comparáveis às que encontramos nas salas de aula, e até algumas referências diretas à escola, a história se passa em lugares fantásticos, nos quais só é possível chegar por meio de passagens secretas – tocas de coelhos, portas minúsculas, espelhos. E seus personagens são animais/criaturas falantes ou caricaturas de certos tipos sociais, como o Chapeleiro Maluco e a Duquesa; de cartas do baralho, como a Rainha de Copas; e de peças do jogo de xadrez, como as Rainhas Branca e Vermelha.

Estabelecer inter-relações com a nossa realidade tendo como pano de fundo uma história como essa, repleta de fantasia, humor, ironia, duplos sentidos, foi um grande desafio e, por isso mesmo, uma experiência bastante interessante.

REFERÊNCIAS

- CARROLL, L. Alice: edição comentada. Ilustrações originais de John Tenniel; introdução e notas de Martin Gardner; tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- _____. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1988.
- _____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____ e FAUNDEZ, A. Por uma pedagogia da pergunta. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- SOPHIA, G. S. B. Andanças pelo País das Maravilhas e pelo Bosque do Espelho: reflexões de Alice para a Educação. 2015. 109 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Teologia e Humanidades, Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, RJ, 2015.
- SOPHIA, G. S.; GARCIA, P. B. Andanças pelo País das Maravilhas e pelo Bosque do Espelho: reflexões de Alice para a Educação. 136 p. Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

Gisele Schmidt Bechtluft é graduada em Letras – Português e Literaturas pela Universidade Veiga de Almeida (2006), com especialização em Língua Portuguesa e Linguística pela Universidade Estácio de Sá (2010) e mestrado em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (2015). Atualmente, é servidora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e atua na área de revisão textual. É autora da obra “Andanças pelo País das Maravilhas e pelo Bosque do Espelho: reflexões de Alice para a Educação”. Contato: giselesb3@hotmail.com.

Pedro Benjamim Garcia é Formado em Filosofia (UFRJ), Mestre em Educação (PUC/Rio) e Doutor em Antropologia Social (Museu Nacional–UFRJ). Leciona e é Coordenador Adjunto da Pós-Graduação em Educação da Católica de Petrópolis. Publicou livros e artigos de Educação no Brasil e no exterior e, como Pedro Garcia, livros de poesia, sendo o último, em 2018, denominado Y(poemas), foi parcialmente selecionado e publicado na revista Ciência&Cultura, da Sociedade brasileira para o progresso da Ciência, ano 71, n.2, abr/maio/jun 2019.. Contato: benjamimgarcia@gmail.com